

Colónia da Sineta

A obra desconhecida de M. Ventura Terra em Caxias

Alexandra de Carvalho Antunes | Professora em Arquitectura

apc.antunes@clix.pt



O termo património cultural tem sido empregue, durante as últimas décadas, de modo cada vez mais abrangente. Incluem-se as tipologias património material (móvel ou imóvel), património imaterial, património natural, património industrial, entre muitas possíveis. O traço comum é sempre a Memória e, por conseguinte, as pessoas, o Passado e o Futuro.

Tomaram crescente importância os inventários, como forma de registo de edifícios, de conjuntos, de paisagens, de espólios. Também os processos de classificação (Património Mundial da Unesco, Monumento Nacional, Imóvel de Interesse Público, Imóvel de Interesse Municipal) e as “cartas de património” (Carta de Atenas, Carta de Veneza, Carta de Cracóvia, entre outras) têm tido a sua fulcral importância.

Restringindo-nos ao património arquitectónico, muitos são os imóveis de relevo que estão excluídos de qualquer inventário.

É este o caso da desconhecida obra de M. Ventura Terra (1866-1919), em Caxias (concelho de Oeiras, distrito de Lisboa), datada de 1910, cuja autoria se descobriu somente quando completou o primeiro século de existência¹.

A edificação, em risco (Fig.1), devoluta pelo menos desde 2008, localiza-se na Av. Taborda de Magalhães, n.º 5, em Caxias. Não consta em qualquer inventário conhecido, à excepção do IAVO².

Origens e projecto de M. Ventura Terra

A “Colónia da Sineta”, como o seu fundador (João Taborda de Magalhães, em 1910, “ajudante do Procurador Geral da Corôa e Fazenda”) a designou, destinava-se a “colónia de verão para crianças pobres”. Foi construída por subscrição pública iniciada em 1906, no Jornal Diário de Notícias.

Os donativos fizeram-se em dinheiro, em materiais de construção e em trabalho. O projecto, não assinado, e até agora desconhecido, foi traçado por Ventura Terra. Da construção, iniciada em 1910 e só concluída na década de 1920, foi encarregue o construtor civil José de Passos Mesquita, amigo de Ventura Terra e que com este construiu, p. ex., o Teatro Politeama, em Lisboa. A autoria do friso azulejar exterior será de Jorge Colaço, conforme as palavras do “sineteiro” Taborda de Magalhães.

O sonho do fundador começou a tornar-se real quando este submeteu o projecto à Câmara de Oeiras, em 1910. A edificação da “Colónia da Sineta, fundada em 1909” (Fig. 2) ficava rodeada de uma vasta zona de jardim, principalmente a tardoz.

Ventura Terra terá acompanhado, de perto, a construção da colónia, de acordo com as palavras de Taborda de Magalhães, em 1921, referindo-se a “trabalhos feitos na Casa das Colónias (...) pelo mestre de obras José de Passos Mesquita, que fora o encarregado da construção e devia receber os pagamentos só quando visados pelo seu particular Amigo o falecido Arquitecto Ventura Terra (...)”³.

¹ “Colónia da Sineta” Projecto de M. Ventura Terra, 1910 (Foto ACA, 2008).



2 | Pormenor redesenhado a partir do projecto inicial, Ventura Terra, 1910 [AMO].

3, 4 e 5 | “Colónia da Sineta”, alçados, pormenores do projecto inicial, Ventura Terra, 1910 [AMO].

3



Dispomos dos quatro alçados, plantas dos três pisos (cave, rés-do-chão e 1.º andar), um corte transversal e ainda planta de cobertura.

No alçado principal, aquele virado a sudeste, distinguem-se dois corpos volumétricos distintos: um, de maiores vãos de janelas; e outro, recuado, que recebeu a porta de entrada e dois pequenos vãos dissemelhantes. Aliás, notamos que os cinco vãos da fachada principal têm, cada um, um tratamento distinto.

Maior uniformidade mereceu o alçado lateral esquerdo, equilibrado e profusamente fenestrado, em que os vãos do piso térreo apresentam tipologia distinta de todos os do piso superior.

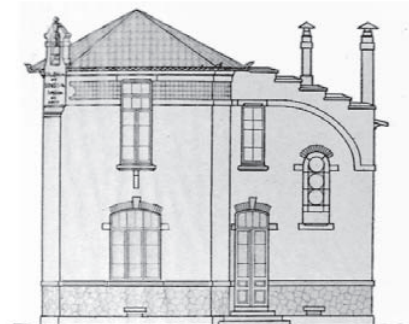
Enriquecendo todos os alçados, excepto o alçado posterior (a que foi adossado um novo volume, adulterando este belo edifício), encontramos, ainda, o singular friso azulejar de motivos florais (Fig. 7).

Os vãos de janelas do alçado lateral direito não mereceram qualquer enquadramento decorativo, nem emolduramento em cantaria. O edifício sofreu muitas alterações e algumas adulterações, desde a sua construção. Tinha um soco, alto, em cantaria rústica que actualmente está recoberta com argamassa de cimento.

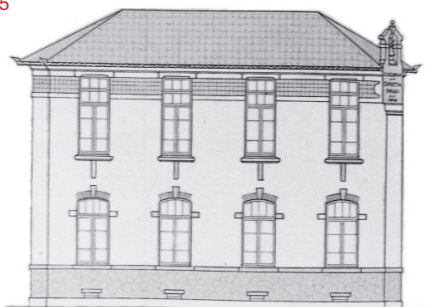
A “caza” “foi concebida para 15 aziladas”⁴. Inicialmente, o “prédio urbano”, composto de “cave, rez-do-chão e 1.º andar (...) ocupava a superfície de 185m² (...)”⁵.

Da construção, iniciada em 1910 e só concluída na década de 1920, foi encarregue o construtor civil José de Passos Mesquita, amigo de Ventura Terra e que com este construiu, o Teatro Politeama em Lisboa.

4



5



1. ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “Sonho de J. Taborda de Magalhães, projecto de M. Ventura Terra: Colónia da Sineta, Caxias, 1910”. Revista Arquitectura Lusiana, N. 2 (1.º semestre 2011): p. 49-64. ISSN 1647-9009.

2. IAVO (Inventário da Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras) em ANTUNES, Alexandra de Carvalho. “A Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras, 1860-1925: inventário, estado de conservação e proposta de algumas medidas de salvaguarda”. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusiana de Lisboa. Lisboa, 2008. - p. 329-549.

3. ADL/ANTT- “Escritura de Doação à Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, 1921.



6 | Asilo de Santo António, 1961 [AFCML].

7 | “Colónia da Sineta”, pormenor de friso azulejar, alçado lateral esquerdo. Autoria provável: Jorge Collaço [Foto ACA, 2008].

8 | “Colónia da Sineta”, alçado principal [Foto ACA, Fev. 2011]”.

Muitas foram as desanexações realizadas à propriedade inicial, com 4080m². Não importa aqui referi-las. A área actual da propriedade é de cerca de 1800m², enquanto a área de implantação do edifício é de 218 m² em virtude da introdução de um novo volume no alçado posterior.

A utilização a dar à cave não foi registada na planta. Já o piso térreo se destinava às refeições e ao “recreio”, dispondo de “refeitório”, “cosinha”, “copa”, “despensa” e ainda um quarto. O piso elevado albergaria “dormitório” com 20 camas, “rouparia”, “w.c.”, “lavatorios” e “banheiros”.

Doação à APISAL, em 1921

A doação, em 1921, à “Associação Protectora da Infância – Azilo Oficina Santo António de Lisboa”, da inacabada “casa construída e os terrenos circundantes”, ocorreu a escassos 23 meses do falecimento de João Taborda de Magalhães. A doação ficou registada em livro do notário de confiança do doador. A sineta idealizada por Taborda de Magalhães e Ventura Terra nunca lá terá existido. Em seu lugar há, ainda em 2011, a inscrição “ASILO DE SANTO ANTÓNIO” (Fig. 6). O “Santo António” protector ainda em 2008 lá estava, no seu nicho. Em 2011 já não o encontrámos. Terá sido recolhido quando se emparedaram os vãos (Fig. 8) – uma medida preventiva contra o vandalismo que ameaçava a bela casa da Colónia.



Património em risco

A distinta edificação apresenta-se, actualmente, em extremo risco físico. São bem visíveis duas fendas verticais: uma no alçado principal (no volume esquerdo) (Fig. 8), com cerca de três metros, indo desde a cobertura até ao topo dos vãos do rés-do-chão; e outra no alçado lateral esquerdo (Fig. 7).

Para a correcta definição de um adequado “Programa de Intervenção” é imprescindível a realização de uma análise integrada de estado de conservação, interior e exterior; identificando as anomalias presentes e as suas causas.

Pretende-se com este texto alertar para o risco que a edificação corre e contribuir, assim, para a sua merecida, correcta e célere intervenção.

4. ADL/ANTT- “Escritura de Doação...”, 1921.

5. 3.ª CRP Lisboa - Registos de transmissões de propriedade, descrições e averbamentos.

6. ADL/ANTT- “Escritura de Doação...”, 1921.

Agradecimentos
AMO e APISAL

Siglas e Abreviaturas

ADL/ANTT - Arquivo Distrital de Lisboa/Arquivo Nacional da Torre do Tombo

AFCML – Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

AMO – Arquivo Municipal de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras

APISAL – Associação Pró-Infância Santo António de Lisboa

CRP - Conservatória do Registo Predial

IAVO – Inventário da Arquitectura de Veraneio do Concelho de Oeiras

Casa do Passal

“Um lugar de Memória”

A Casa do Passal, em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), foi classificada como monumento nacional no passado dia 3 de Março de 2011. Este edifício de grande valor científico, patrimonial e cultural, viu abertas novas perspectivas à sua recuperação, mas que tardam em chegar.



al como explica o decreto do Conselho de Ministros, em relação aos monumentos

classificados, a sua distinção foi feita pelos “critérios de autenticidade, originalidade, raridade, singularidade e exemplaridade, revelados pelo modo como foram apropriados pelos cidadãos e na relevância simbólica que adquiriram, como lugares das artes e da memória histórica e política”.

A sua edificação remonta ao século XIX, destacando-se pelo eclectismo da arquitectura e pela imponência da fachada principal, com entrada nobre de grande aparato, mas principalmente pela memória do cônsul que aí habitou.

A Fundação Aristides de Sousa Mendes, criada em 2000, luta pela recuperação deste património histórico, tentou que a casa fosse adquirida pelo Estado, a fim de ser recuperada e reclassificada como Casa Museu, mas tal só começou a ser possível após a doação de 50 mil contos à Fundação, pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, em 27 de Março de 2000.

Também nos Estados Unidos, em Setembro de 2010, foi criada a Aristides Sousa Mendes Foundation, com o objectivo de recolher fundos para restaurar a antiga casa do ex-cônsul em Portugal, projecto de há uma década e avaliado em milhões de euros. A fundação norte-americana trabalha em parceria com a que já existe em Portugal.

Depois de reabilitada, a casa irá conter o espólio do cônsul, dará particular atenção à questão dos direitos humanos e à história das perseguições durante a II Guerra Mundial. Pretende-se que este património histórico acolha um Museu dedicado a Aristides de Sousa Mendes, um centro de memória e arquivos, uma biblioteca e um centro de documentação, e um espaço destinado a um Auditório, para palestras e debates.



Aristides de Sousa Mendes

Nascido em Cabanas de Viriato a 19 de Julho de 1885, Aristides de Sousa Mendes estudou Direito em Coimbra, optando por seguir a carreira diplomática. As suas opções políticas, nomeadamente o apoio à causa monárquica, conduziram, em 1919, à suspensão do cargo que exercia em Curitiba, no Brasil. Neste período, acrescentou ao seu nome os apelidos da família (Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches) numa atitude que mais não era do que a reafirmação das suas convicções nobiliárquicas, também expressas no brasão pintado no tecto do hall da casa de Cabanas de Viriato. Anos mais tarde, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, e ocupando, desde 1938, o lugar de Cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes passou vistos a milhares de refugiados, o que lhes permitiu fugir e sobreviver às perseguições de que eram objecto.

Esta desobediência às ordens do regime de Salazar salvou milhares de pessoas, mas teve um custo pessoal muito alto, ditando o fim da sua carreira diplomática. Valeu-lhe, à época, a ajuda da comunidade judaica em Lisboa, cidade onde viria a falecer, a 3 de Abril de 1954, na mais absoluta pobreza. Os bens da casa de Cabanas de Viriato foram posteriormente vendidos em hasta pública, para pagar as dívidas contraídas.